

## Representações da mulher negra no conto *'Everyday Use'*, de Alice Walker<sup>1</sup>

Samina Helena Jerônimo Passos<sup>2</sup>

### RESUMO

Considerando a relevância de estudar a literatura sobre as mulheres negras a partir das suas próprias visões, o estudo explora as representações femininas no conto *'Everyday Use'* (1973) de Alice Walker. Para tal, o estudo utilizou cunho bibliográfico e foi necessário um resumo do conto e do contexto social por trás dele. O referencial teórico baseou-se nos estudos, entre outros, de Néstor Garcia (1989) a respeito da cultura híbrida, Homi. K. Bhabha (1994) a respeito da identidade e o hibridismo e de Stuart Hall (1993) a respeito da identidade cultural e pós-moderna. Diante disso, procurou-se verificar de que forma as personagens representam parte das mulheres afro americanas no contexto pós segregação racial, analisando suas vivências individuais, familiares e sociais como base para a conclusão de que cada uma delas demonstra a valorização da cultura por diferentes perspectivas.

Palavras-chave: literatura afro-americana; Alice Walker; "Everyday Use"; feminilidade negra; identidade cultural.

### ABSTRACT

Considering the relevance of studying black women's literature from their own views, the study explores female representations in the short story 'Everyday Use' (1973) by Alice Walker. To this end, the study used a bibliographical nature and a summary of the story and the social context behind it was necessary. The theoretical framework was based on the studies by Néstor Garcia (1989) regarding the hybrid culture, Homi. K. Bhabha (1994) regarding identity and hybridity and Stuart Hall (1993) regarding cultural and postmodern identity. In view of this, it was sought to verify how the characters represent part of the African-American women in the post-racial segregation context, analyzing their individual, family and social experiences as a basis for the conclusion that each one of them demonstrates the appreciation of culture from different perspectives.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de graduação em Letras-Língua Inglesa, da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof. Dra. Sueli da Silva Saraiva.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Letras-Língua Inglesa pela UNILAB.

**Keywords**<sup>3</sup>: african-American literature; Alice Walker; “everyday use”; black femininity; cultural identity.

## 1 INTRODUÇÃO

A escolha do conto “Everyday use”, de Alice Walker, para este trabalho surgiu da minha experiência na disciplina de Literaturas em língua inglesa. Desde o primeiro contato com ele, fiquei intrigada com o real sentido da obra, e, durante o estudo realizado, pude enriquecer meu conhecimento com diversas perspectivas sobre a literatura, a ancestralidade e a identidade afro-americana através deste conto de ficção.

O conto *‘Everyday Use’* faz parte da coleção de contos de Alice Walker intitulada *In Love & Trouble: Stories of Black Women*, publicada em 1973. Ele se destaca pela exploração das questões de identidade, herança cultural e as complexas relações familiares dentro da comunidade afro-americana. *‘Everyday Use’* narra a história de uma mãe e suas duas filhas, Dee e Maggie, que têm visões muito diferentes sobre a importância e o uso dos objetos e tradições familiares. A filha mais velha (Dee) teve a chance de estudar fora por meio de uma arrecadação feita pela igreja e por sua mãe; no entanto, Maggie, a mais nova, permaneceu vivendo com a mãe durante todo o tempo. A história se concentra na visita de Dee à casa da família e em diversas situações conflituosas entre elas e em períodos passados, mas o foco principal está no conflito que surge quando Dee demonstra um interesse repentino por objetos antigos da casa e reivindica itens dessa herança familiar, como colchas feitas à mão e objetos de cozinha, para usar como símbolos de seu novo estilo de vida e identidade. Ao mesmo tempo, a mãe e a irmã Maggie, que vivem uma vida mais simples e cotidiana, valorizam esses itens por seu uso prático, conexão emocional e ancestral.

Durante as décadas de 1950 e 1960, o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos buscou acabar com a segregação racial e a discriminação racial contra a população afro-americana. Essa luta foi marcada por protestos, legislações importantes e mudanças sociais profundas, a fim de que pudessem conquistar o direito à igualdade. Nesse cenário, a comunidade negra buscou reconquistar a sua própria história, cultura, política social e principalmente, sua identidade.

---

A literatura desempenhou um importante papel para a reinterpretção da identidade afro-americana ao oferecer uma plataforma para a expresso e a reflexo sobre a experiêcia negra e, por meio dela, os escritores puderam desafiar e reconfigurar narrativas históricas e culturais dominantes, oferecendo novas perspectivas sobre o passado e as contribuiçoes da cultura negra no presente. A escritora Alice Walker (1944) foi uma das mais importantes intelectuais escritoras engajadas nessa causa, pois em suas obras ela molda e enriquece as narrativas sobre cultura e ancestralidade ao oferecer uma perspectiva multifacetada da experiêcia negra na sociedade norte-americana enraizada na segregao racial. A escrita de Walker desafia estereótipos sobre o lugar da literatura negra no século XX e promove uma maior compreensao e valorizao das identidades afro-americanas e femininas. No conto escolhido e em toda a sua obra, ela expoe a situao afro-americana em meio ao racismo, os desafios à opressao e à injustiça, a busca e aceitao da identidade cultural e a experiêcia feminina negra. Dessa forma, *'Everyday Use'* representa tensoes entre os diferentes conceitos de identidade e cultura, e como a herança pode ser interpretada e utilizada de maneiras variadas. Alice Walker, através dessa história, explora temas como hibridismo cultural, ancestralidade africana, identidade e também a tensão entre o tradicional e o moderno.

Para Néstor Garcia Canclini, “A cultura híbrida é um processo em que duas culturas antes distintas se mesclam, abrangendo aspectos culturais, econômicos e políticos” (Canclini, 1989, p.40). Ou seja, é uma cultura em que se fundem diferentes tradiçoes, onde os elementos culturais provenientes de diferentes origens se misturam e se transformam mutuamente e é o resultado de processos históricos e sociais que provocam encontros e interaçoes entre elas. Esse fato ocorre quando diferentes grupos culturais interagem e se influenciam, gerando novas formas culturais que combinam diferentes aspectos de cada uma das culturas envolvidas. Isso não reflete apenas na influência mútua entre culturas, mas também como uma forma de adaptao e resistêcia aos processos de globalizao e de mudanças sociais. Ao integrar elementos de diferentes tradiçoes, as comunidades podem criar identidades novas e dinâmicas que refletem o seu contexto contemporâneo e experiêcias compartilhadas.

Na visao de Homi K. Bhabha: “A hibridizao é um processo dinâmico e contínuo, que gera novas formas culturais e novos significados através da interao entre diferentes culturas.” (Bhabha, 1998). No contexto de identidade, o hibridismo cultural gera mudanças significativas na vida do indivíduo não só na transformao pessoal, mas

também social e política no sentido de que ele pode por exemplo, questionar o sistema em que vive ou que viveu por não o considerar mais coerente com o cenário em que está inserido agora. Dessa forma, as novas significações moldam a identidade do indivíduo, a fim de que ele possa contemplar ambas as culturas adquiridas e, nessa perspectiva, as identidades culturais são negociadas e transformadas no encontro entre essas culturas, tendo em vista que o hibridismo constrói uma nova “camada” na identidade.

Em resumo, a identidade cultural se refere a um conjunto de características, valores, tradições e crenças de um indivíduo. Por meio dela, as pessoas desenvolvem o próprio senso de pertencimento ou não pertencimento e continuidade cultural. Na visão de Stuart Hall, a identidade cultural é sempre uma produção em processo e é formada e reformulada em diálogo com outros discursos culturais e práticas sociais, o que leva à criação de formas híbridas e multifacetadas de identidade (Hall, 2003).

Nesse contexto, continua Hall, tem-se a identidade cultural como um processo dinâmico e em constante mudança, resultando numa evolução dessa identidade no sentido de que a sua adaptação assegura que a cultura continue sendo relevante e significativa, mesmo em meio às mudanças sociais e históricas. Na prática, a identidade cultural se manifesta através de atividades e comportamentos cotidianos que reforçam e preservam os valores e as tradições e, a partir disso, a ancestralidade pode ser vista como:

A conexão profunda com aqueles que vieram antes de nós, que como um elo, nos ligam ao passado e moldam o presente e o futuro e que é através dessa herança que o indivíduo encontra um lugar a qual pertencer e a partir desse laço, ele pode construir a sua própria identidade (Hall, 2006, p.13).

Essa perspectiva é fundamental para entendermos que as memórias culturais e as tradições são consideradas fundamentais para o entendimento de quem somos, pois elas não apenas conectam o presente com o passado, mas também moldam a maneira como o indivíduo se percebe e vivencia a sua identidade mesmo estando unido a mais de uma cultura.

O trabalho discorre em quatro seções sobre as temáticas relacionadas à compreensão da questão central do artigo. Para isso, primeiramente apresenta-se uma descrição de cada personagem feminina do conto, levando em consideração suas características e comportamentos. Em seguida, destaca-se a comparação entre tradição e modernidade no contexto das identidades afro-americanas, a fim de verificar as formas de representatividade feminina negra envolvendo essas personagens. Em sequência, abordam-se, mais detidamente, questões que remetem ao título, através de reflexões sobre

herança cultural e ancestralidade, com a intenção de responder: qual a representação das personagens femininas a partir da análise de suas perspectivas de vida como mulheres negras. Elas estão no mesmo processo de identidade cultural? E apresentar as considerações finais com o objetivo de concluir se os questionamentos da pesquisa foram respondidos.

## 2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS PERSONAGENS FEMININAS DE *'EVERYDAY USE'*

As três personagens do conto representam a complexidade da feminilidade negra com relação às diferentes maneiras de conectar-se com a sua cultura e demonstram isso por meio da relação familiar, suas características e comportamentos. Começando pela Sra. Johnson (Mama), que é narradora testemunha da história, pois é por meio de sua perspectiva que o enredo se desenvolve e, em seguida, por suas duas filhas, Dee, a mais velha, e Maggie, a mais nova.

A narradora (Mama) se apresenta da seguinte forma: “In real life I am a large big-boned woman with rough, man-working hands”<sup>4</sup> (WALKER, 1973, p.74). Por essa descrição, é possível percebê-la como uma mulher do campo que exerce continuamente atividades nesse meio; ela não menciona muito sobre sua aparência física, o que pode indicar que os aspectos de maior relevância para ela são medidos pelos seus esforços úteis à família e ao longo do conto, seu primeiro nome não é mencionado, apenas Mama ou Sra. Johnson, o que ressalta a ideia de que ela é a maior autoridade no seu lar e, portanto, as filhas se dirigem a ela com formalidade e respeito.

Apesar de não ter concluído seus estudos, Mama demonstra orgulho do trabalho que exerce para manter o sustento de casa, e o fato dela ser a única pessoa mencionada como responsável pelas filhas enriquece a ideia de que ela não seja casada. A importância da sua casa e o orgulho do trabalho doméstico pode ser notado no primeiro parágrafo do conto, onde ela diz: I will wait for her in the yard that Maggie and I made so clean and wavy yesterday afternoon. A yard like this is more comfortable than most people know. It is not just a yard. It is like an extended living room”<sup>5</sup> (WALKER, 1973, p.74). Neste

---

<sup>4</sup> “Na vida real sou uma mulher grande e ossuda, com mãos ásperas e trabalhadoras” (Walker, 1973, p.74, tradução nossa).

<sup>5</sup> “Eu vou esperar por ela no quintal que Maggie e eu deixamos tão limpo e ondulado ontem à tarde. Um quintal como este é mais confortável do que a maioria das pessoas imagina. Não é apenas um quintal. É como uma sala de estar ampliada” (WALKER, 1973, p.74, tradução nossa).

trecho é demonstrado o apreço que ela tem pelo seu lar, o que sugere orgulho do que ela conquistou e o modo como ela se vê naquele espaço. Mama deixa explícito diversas situações cotidianas que enfatizam seu esforço braçal e isso demonstra o quanto ela valoriza tudo o que consegue fazer com as próprias mãos.

Já as características de Dee são narradas detalhadamente, tanto as físicas quanto as comportamentais. Sobre a sua aparência é dito: “Dee is lighter than Maggie, with nicer hair and a fuller figure”<sup>6</sup>(WALKER, 1973, p. 74). Outro comentário sobre sua aparência é citado quando ela chega à casa de Mama após um longo tempo estudando fora e a narradora observa sobre a sua roupa: "A dress down to the ground, in this hot weather. A dress so loud it hurts my eyes [...]"<sup>7</sup> (Walker, 1973, p.76). Por essa descrição, é possível concluir, como veremos adiante, que Dee buscou aprimorar o seu estilo e que está muito bem vestida para uma ocasião um tanto simples. Por outro lado, as características comportamentais de Dee são tão complexas quanto sua vestimenta exagerada, pois a partir do momento em que ela chega à casa de Mama, revelam-se mais mudanças em sua personalidade e em suas ideologias.

Maggie é o oposto de Dee, tanto nas características físicas, quanto comportamentais. A respeito de sua aparência, Mama detalha: “Maggie says, showing just enough of her thin body enveloped in pink skirt and red blouse for me to know she’s there, almost hidden by the door”<sup>8</sup> (WALKER, 1973, p.74). Ela é uma menina magra, de pele mais escura que Dee, com parte do corpo cicatrizado pelas queimaduras e por isso seu comportamento e sua personalidade são refletidos a partir dessa realidade, quando cita:

Have you ever seen a lame animal, perhaps a dog run over by some careless person rich enough to own a car, sidle up to someone who is ignorant enough to be kind to him? That is the way my Maggie walks. She has been like this, chin on chest, eyes on ground, feet in shuffle, ever since the fire that burned the other house to the ground<sup>9</sup>(Walker, 1973, p. 74).

---

<sup>6</sup> “Dee é mais clara que Maggie, com um cabelo mais bonito e um corpo mais cheio” (Walker, 1973, p.74, tradução nossa).

<sup>7</sup> “Um vestido até o chão, neste calor. Um vestido tão espalhafatoso que machuca meus olhos” (WALKER, 1973, p.76, tradução nossa).

<sup>8</sup> “Maggie diz, mostrando apenas o suficiente de seu corpo magro envolto numa saia rosa e blusa vermelha para eu saber que ela está ali, quase escondida pela porta” (Walker, 1973, p.74, tradução nossa)

<sup>9</sup> “Você já viu um animal manco, talvez um cachorro atropelado por uma pessoa descuidada e rica o suficiente para ter um carro, aproximar-se de alguém que é ignorante o suficiente para ser gentil com ele? É assim que minha Maggie anda. Ela está assim, queixo no peito, olhos no chão, pés arrastados, desde o incêndio que destruiu a outra casa” (WALKER, 1973, p.74, tradução nossa).

Por meio disso, tem-se uma visão mais específica do comportamento de Maggie e também se percebe a diferença como a mãe vê cada uma de suas filhas, pois quando se trata de falar da Maggie, a mãe a associa diretamente ao jeito envergonhado, à falta de conhecimento comparado à irmã, ao trauma de ter o corpo machucado pelas chamas, etc., e esse fator mostra o quanto tudo isso afetou a construção da sua identidade, de modo que pouco é falado sobre como a Maggie era antes daquele incidente.

Quanto à relação familiar das três personagens, o que chama atenção são as atitudes de Dee com Mama e Maggie, pois em diversas situações ela se mostra fria e superior com elas, demonstrando, por exemplo sentir ódio pela casa. Fria ao ponto de Mama questionar o amor de Dee para com sua irmã, tendo em vista que, enquanto ela apreciava a casa se incendiar, a irmã estava queimada, assustada e agarrada à mãe:

Sometimes I can still hear the flames and feel Maggie's arms sticking to me, her hair smoking and her dress falling off her in little black papery flakes. Her eyes seemed stretched open, blazed open by the flames reflected in them. And Dee. I see her standing off under the sweetgum tree she used to dig gum out of; a look of concentration on her face as she watched the last dingy gray board of the house fall in toward the red-hot brick chimney<sup>10</sup> (Walker, 1973, p. 76).

Outro exemplo é a forma com que Dee tenta ajudar a mãe e a irmã com a leitura, fazendo isso com a intenção de mostrar que sabia mais do que elas, usando palavras e conhecimentos desnecessários que na verdade a distanciaram de aprender mais:

She used to read to us without pity; forcing words, lies, other folks' habits, whole lives upon us two, sitting trapped and ignorant underneath her voice. She washed us in a river of make-believe, burned us with a lot of knowledge we didn't necessarily need to know. Pressed us to her with the serious way she read, to shove us away, like dimwits, at just the moment we seemed about to understand<sup>11</sup>(Walker, 1973, p. 76).

Além disso, o conto explora a tensão entre diferentes formas de se conectar com a herança cultural das personagens. Mama e Maggie valorizam as tradições da família através de sua prática diária e contínua, sem necessariamente fazer dessa tradição uma marca a ser exibida à sociedade ou a elas mesmas. Por exemplo, as colchas de retalho e

---

<sup>10</sup> “Às vezes ainda posso ouvir as chamas e sentir os braços de Maggie grudados em mim, seu cabelo fumegando e seu vestido caindo em pequenos flocos de papel preto. Seus olhos pareciam esticados abertos, abertos pelas chamas refletidas neles. E Dee. Vejo-a de pé sob a árvore de eucalipto doce de onde ela extraía chiclete; um olhar de concentração em seu rosto enquanto observava a última tábuca cinza da casa cair em direção à chaminé de tijolos em brasa” (Walker, 1973, p.76, tradução nossa).

<sup>11</sup> “Ela costumava ler para nós sem piedade; forçando palavras, mentiras, hábitos de outras pessoas, vidas inteiras sobre nós dois, sentados presos e ignorantes sob sua voz. Ela nos lavou em um rio de faz-de-conta, queimou-nos com muito conhecimento que não precisávamos necessariamente saber. Pressionava-nos contra ela com o jeito sério com que lia, para nos afastar, como idiotas, bem no momento em que parecíamos entender” (Walker, 1973, p.76, tradução nossa)

os objetos da casa, que, para elas, são vistos como parte da experiência cotidiana e são valorizados como memórias e herança pessoal, tendo em vista que alguns desses objetos pertenciam a seus ancestrais. Por outro lado, Dee vê essa herança como algo a ser emoldurado e exibido, e dessa forma, ela acredita estar afirmando a sua nova identidade.

Para a narradora, as heranças deixadas não foram apenas em objetos, mas também nos costumes familiares e nas práticas sociais: “I was always better at a man’s job. I used to love to milk till I was hooped in the side in ‘49. Cows are soothing and slow and don’t bother you, unless you try to milk them the wrong way”<sup>12</sup>(Walker, 1973. p.76). Nesse ponto, compreende-se que a mãe, a Sra. Johnson (Mama), passou por um processo cultural diferente marcado principalmente pela segregação racial.

Nos Estados Unidos, a primeira metade do século XX foi marcada pela discriminação e exclusão de pessoas negras dos mesmos ambientes que as brancas e essa separação forçada influenciou em diversos aspectos da vida social, econômica e política dessas pessoas. Entre os abusos da segregação racial estavam a falta de oportunidades de estudo e conseqüente trabalho braçal para a maioria da população negra, como o caso da Sra. Johnson: “I never had an education myself. After second grade the school was closed down. Don’t ask my why: in 1927 colored asked fewer questions than they do now”<sup>13</sup> (Walker, 1973. p.76). O processo de subalternização decorrente disso aparece destacado no espanto da narradora com a altivez da filha Dee:

Who ever knew Johnson with a quick tongue? Who can even imagine me looking a strange white man in the eye? It seems to me I have talked to them always with one foot raised in flight, with my head turned in whichever way is farthest from them<sup>14</sup>(Walker, 1973, p.74).

Todo esse processo pode estar relacionado com a construção da identidade; sua personalidade traz à tona os traumas da segregação racial, mas também o legado da herança cultural africana e seus impactos na sua vida; legado esse que ela transferiu para

---

<sup>12</sup> “Eu sempre fui melhor no trabalho de um homem. Eu adorava ordenhar até ser fígada em 1949. As vacas são calmantes e lentas e não incomodam você, a menos que você tente ordenhá-las da maneira errada” (Walker, 1973, p.76, tradução nossa).

<sup>13</sup> “Eu mesmo nunca tive uma educação. Após a segunda série, a escola foi fechada. Não me pergunte por quê: em 1927, os negros faziam menos perguntas do que agora” (WALKER, 1973, p.76, tradução nossa).

<sup>14</sup> “Quem já conheceu um Johnson com uma língua rápida? Quem pode me imaginar olhando nos olhos de um homem branco estranho? Parece-me que sempre falei com eles com um pé levantado em voo, com a cabeça fumegante da maneira que estiver mais distante deles” (WALKER, 1973, p.74, tradução nossa).

a criação de suas filhas, que cresceram no período pós-segregação, isto é, na segunda metade do século XX.

Quanto à Maggie, a construção da identidade se dá de forma similar à mãe, tendo em vista que ela permaneceu sempre ao lado da mãe e que a difícil situação social de ambas refletiu diretamente para que a filha mais nova carregasse algumas sequelas desse processo. Um ponto importante sobre a construção da sua identidade é o já mencionado incidente na antiga casa da família, onde podemos observar que um fator que influenciou na formação da identidade de Maggie, foram as cicatrizes das queimaduras e, além disso, ela é citada como uma pessoa acanhada e aparentemente menos preparada para relações sociais cotidianas em comparação à sua irmã, cuja presença a deixava ainda mais insegura:

Maggie will be nervous until after her sister goes: she will stand hopelessly in corners, homely and ashamed of the burn scars down her arms and legs, eyeing her sister with a mixture of envy and awe. She thinks her sister has held life always in the palm of one hand, that "no" is a word the world never learned to say to her <sup>15</sup>(WALKER, 1973, p.74).

Diferente da irmã mais velha, Maggie se limita ao modo de vida e às tradições familiares tanto quanto sua mãe, inclusive pela relação diária que ela tem com o ambiente em que vive e pela segurança que sente nele. Assim, tanto ela quanto a mãe mantêm uma conexão cotidiana (de uso diário) com a cultura africana herdada e, essa atitude também pode ser vista como uma forma de valorização cultural.

Por outro lado, com Dee tem-se uma perspectiva diferente quanto ao impacto da herança cultural na formação da identidade, pois mesmo antes de sair da cidade para estudar, ela já demonstrava certa repulsa pela forma em que vivia e almejava outra história:

Dee wanted nice things. A yellow organdy dress to wear to her graduation from high school; black pumps to match a green suit she'd made from an old suit somebody gave me. She was determined to stare down any disaster in her efforts<sup>16</sup>(Walker, 1973, p.76).

---

<sup>15</sup> “Maggie ficará nervosa até depois de sua irmã partir: ela esperou desesperadamente nos cantos, sem jeito e envergonhada das cicatrizes de queimaduras em seus braços e pernas, olhando para sua irmã com uma mistura de inveja e admiração. Ela acha que a irmã sempre segurou a vida na palma da mão, que “não” é uma palavra que o mundo nunca aprendeu a dizer para ela” (WALKER, 1973, p.74, tradução nossa).

<sup>16</sup> “Dee queria coisas boas. Um vestido de organdi amarelo para usar na formatura do ensino médio; escaupins pretos para combinar com um terno verde que ela fez com um terno velho que alguém me deu. Ela estava determinada a enfrentar qualquer desastre em seus esforços” (WALKER, 1973, p.76, tradução nossa).

Desde pequena, Dee desenvolve o que se costuma chamar de “personalidade forte”. Esse comportamento ressalta a ideia de que ela se considera superior tanto em conhecimentos intelectuais e culturais quanto em questões de aparência pessoal que ela valoriza para estar em sociedade. Por outro lado, o seu comportamento pode ser compreendido como uma forma de resistência ao racismo e o conto mostra isso na forma como Mama a descreve em situações sociais, nas quais Dee não baixa os olhos diante de pessoas brancas, além de sempre tentar realçar a sua beleza em meio à sociedade e também pelo desejo de ascensão social.

Quando teve a chance de estudar fora, ela considerou, sobretudo, aprimorar a sua identidade a partir dos princípios que acreditava, e assim ela tenta demonstrar interesse pela sua herança cultural de forma superficial e seletiva. Essa suposta valorização da herança aparece, primeiro, por meio da mudança de seu próprio nome. Ao voltar para a casa da mãe, Dee conta que mudou seu nome para um novo nome de matriz africana, Wangero Leewanika Kemanjo. Ela descreve o motivo da mudança da seguinte forma: "I couldn't bear it any longer, being named after the people who oppress me"<sup>17</sup>(WALKER, 1973. p. 78). Com isso, a filha mais velha considera que a mudança do nome foi um fator importante para aprimorar sua identidade afrodescendente e que é um reflexo de sua tentativa de se reconectar com suas raízes africanas.

A mudança de nome, ela acredita, simbolizaria a sua busca por uma identidade cultural mais autêntica e seu desejo de se distanciar da herança familiar que ela vê como ligação a um passado opressivo. Em segundo lugar, pela mudança na forma de se vestir. Quando ela desce do carro, ao visitar a família, a mãe comenta sobre suas extravagantes vestimentas e como ela reconheceria os traços da filha de longe. A roupa é narrada da seguinte forma:

There are yellows and oranges enough to throw back the light of the sun. I feel my whole face warming from the heat waves it throws out. Earrings gold too, and hanging down to her shoulders. Bracelets dangling and making noises when she moves her arm up to shake the folds of the dress out of her armpits<sup>18</sup> (Walker, 1973, p.76).

---

<sup>17</sup> " Eu não aguentava mais receber o nome das pessoas que me oprimem" (WALKER, 1973, p.78, tradução nossa).

<sup>18</sup> "Existem amarelos e laranjas suficientes para repelir a luz do sol. Sinto todo o meu rosto esquentar com as ondas de calor que ele lança. Brincos de ouro também, e caindo até os ombros. Pulseiras balançando e fazendo barulho quando ela move o braço para cima para sacudir as dobras do vestido de suas axilas" (WALKER, 1973, p.76, tradução nossa).

A maneira como ela se apresenta às pessoas é algo comentado em diversos pontos do conto, pois parece ser uma forma que ela encontrou de exibir a sua recém assumida raiz africana, com peças de grande beleza e representação cultural, mas, no seu caso, com foco na ostentação.

O terceiro ponto é descrito no apego repentino pelos objetos da casa. O traço que mais chamou a atenção da Sra. Johnson quando a filha retornou foi a afeição repentina demonstrada por ela para com os objetos cotidianos da casa, como bancos, bateadeiras, manteigueira, travessas e as colchas de retalho. Sobre esse fato, Mama diz: “Everything delighted her. Even the fact that we still used the benches her daddy made for the table when we couldn’t afford to buy chairs”<sup>19</sup>(Walker, 1973, p. 78). Antes de sua partida para estudar, uma colcha lhe foi oferecida e desprezada, recorda a mãe: “I didn't want to bring up how I had offered Dee (Wangero) a quilt when she went away to college. Then she had told me they were old- fashioned, out of style”<sup>20</sup>(WALKER, 1973, p.81).

A atitude de Dee causa surpresa por mudar de opinião sobre a casa humilde da família, levando em consideração que antes ela sempre demonstrava não gostar do ambiente em que vivia. A partir disso, entende-se o comportamento de Dee como uma tentativa de se aproximar da sua herança cultural, mas aparentemente de forma superficial, levando em consideração que enquanto ela fala dos objetos, ela também diz o que deseja fazer com eles e como eles irão “servir” em sua casa, ignorando a utilidade e a significação que eles têm para Mama e Maggie.

Um acontecimento importante para a descrição da relação entre elas é justamente o conflito que se dá a partir da tentativa de Dee em levar para si as colchas de retalho (quilts) que ela não sabia, mas seriam dadas à sua irmã quando ela se casasse. Sobre isso é narrado a seguinte situação: “‘Mama,’ Wangero said sweet as a bird. ‘Can I have these old quilts?’ I heard something fall in the kitchen, and a minute later the kitchen door

---

<sup>19</sup> “Tudo a encantava. Até o fato de ainda usarmos os bancos que o pai dela fez para a mesa quando não tínhamos dinheiro para comprar cadeiras” (WALKER, 1973, p.78, tradução nossa).

<sup>20</sup> “Eu não queria trazer à tona como ofereci uma colcha a Dee (Wangero) quando ela foi para a faculdade. Então ela disse que elas eram antiquadas e fora de moda” (WALKER, 1973, p.81, tradução nossa).

slammed”<sup>21</sup>(WALKER, 1973, p.81). Mesmo sem falar nada, fica claro que Maggie não gostou do pedido da irmã de ficar com as colchas, mas mesmo assim ela não interrompeu a conversa. Após a mãe negar o pedido, pelo motivo de que elas seriam de Maggie, a Dee logo questiona as capacidades da irmã de cuidar de uma peça como essa, ela diz:

Maggie can't appreciate these quilts!" she said. "She'd probably be backward enough to put them to everyday use." "I reckon she would," I said. "God knows I been saving'em for long enough with nobody using 'em. I hope she will!"<sup>22</sup>(WALKER, 1973, p. 81).

Por meio desse diálogo, nota-se que o interesse repentino pelas colchas surgiu após a longa experiência de Dee longe de casa, o que reforça a ideia de que ela estaria buscando se apropriar da cultura de forma superficial e idealizada. E quando seu pedido não é aceito, ela se revolta colocando Maggie numa posição inferior quanto à valorização da cultura, que, para ela, não está ligada ao uso dessa herança apenas como memória e tradição, mas como peças a serem preservadas para fins estéticos.

A partir dessa situação, podemos questionar qual a relação entre a herança cultural e o uso diário que, na visão de Dee, que muda de nome e busca uma conexão superficial com suas raízes, vê os objetos familiares como símbolos de status e cultura para a sua vida moderna. Sua perspectiva é marcada por uma certa desconexão com a verdadeira essência dessas peças, pois ela valoriza mais a aparência, mesmo defendendo a história, do que o uso cotidiano que essas coisas tiveram e têm na vida de sua família. A forma como ela se refere a esses objetos, quase como se fossem relíquias a serem admiradas, demonstra uma visão que desconsidera o significado emocional e prático que eles têm para sua mãe e irmã. Em contraste com Dee, Maggie valoriza esses itens para seu uso cotidiano, reconhecendo seu significado histórico e emocional. Por fim, esse conflito ilustra como a verdadeira herança cultural deve ser integrada ao dia a dia, pois essa é uma forma natural de preservar essa herança, destacando a importância de vivê-la de forma autêntica e prática.

### 3 REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM *'EVERYDAY USE'*

---

<sup>21</sup> ““Mamãe,” Wangero disse doce como um pássaro. “Posso ficar com essas colchas velhas?” Ouvi algo cair na cozinha e, um minuto depois, a porta da cozinha bateu” (WALKER, 1973, p.81, tradução nossa).

<sup>22</sup> ““Maggie não consegue apreciar essas colchas!” ela disse. “Ela provavelmente seria atrasada o suficiente para colocá-los no uso diário.” “Eu acho que ela iria,” eu disse. “Deus sabe que eu as guardei por tempo suficiente sem ninguém as usar. Espero que ela o faça!” (WALKER, 1973, p.81, tradução nossa).

A representação cultural feminina pode ser interpretada no conto a partir das vivências das personagens, pois ele se passa no período de pós-segregação racial, em que as questões de raça, identidade e feminismo estão em foco nos Estados Unidos. Partindo disso, as vivências delas são representadas em diferentes aspectos e entre eles estão: o contexto cultural, social e econômico; as diferentes formas de se relacionar com a identidade cultural, que são representadas principalmente no conflito entre Dee e Mama sobre tradição (vivência ancestral) e modernidade (modo de vida contemporâneo); como também na forma que essa cultura pode ser transmitida através das gerações de diferentes maneiras.

Como visto anteriormente, diversos fatores influenciaram na formação da identidade das personagens e esse é um dos pontos que remetem a grande parte da representação cultural delas. Nesse aspecto, Mama caracteriza a figura materna que representa a sabedoria prática e a conexão com as tradições, pois ela é representada como uma mulher forte e resiliente e suas atitudes refletem a vida das mulheres afro-americanas que enfrentam dificuldades durante toda a vida, mas ainda assim valorizam suas raízes, a importância do legado familiar e do cotidiano. Maggie, que é tímida e muitas vezes ofuscada por Dee, representa a fragilidade e a luta interna das mulheres que podem não se sentir vistas ou valorizadas dentro de sua própria cultura. No entanto, sua conexão autêntica com a tradição familiar e com Mama mostra o valor e a importância do amor e da continuidade nas relações familiares em meio às gerações, pois ela participa ativamente das atividades cotidianas tanto quanto a mãe e, de certa forma, partilha das mesmas dificuldades que ela.

Por outro lado, o que é mais mencionado sobre Dee está relacionado à sua postura quanto às adversidades, e dessa forma, ela simboliza uma abordagem mais moderna e, muitas vezes, crítica em relação à cultura afro-americana, pois enquanto ela busca se reconectar com suas raízes africanas, ela age de uma maneira superficial com relação a esta cultura, no sentido de querer adotar elementos da cultura africana apenas para exibí-los. Por esse ponto de vista, a personagem reflete a apropriação cultural com a finalidade de ser vista e respeitada a partir dela e também reflete o que significa valorizar verdadeiramente uma herança.

A diferença na valorização da herança entre as personagens destaca as formas divergentes de como as mulheres negras podem se relacionar com sua herança cultural e a complexidade das questões de identidade e autenticidade dentro da comunidade afro-americana. Já o conflito entre identidade cultural e modernidade se reflete na relação entre o passado e o presente, o que nos leva a questionar de que forma esse processo impacta essa noção de identidade cultural. Sobre o sujeito pós-moderno, Stuart Hall diz:

“O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2006, p. 12).

A partir dessa ideia, segue-se com a perspectiva de que a identidade não é algo unicamente puro, pois Dee representa essa mistura entre culturas e também de que os detalhes narrados sobre sua personalidade representam a formação de uma cultura mista. A mudança do nome de Dee para Wangero é o primeiro aspecto marcante entre esse conflito. Sobre essa questão, Hall acrescenta: “O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Hall, 2006, p. 12). A personagem atribui a mudança de nome à justificativa de não querer mais se associar a uma cultura que a oprime, mas essa mudança foi vista pela mãe de uma outra forma, pois para ela os nomes têm um significado pessoal e não necessariamente está relacionado ao contexto cultural do nome em si. Sobre isso Mama diz: "You know as well as me you were named after your aunt Dicie," I said. Dicie is my sister. She named Dee. We called her "Big Dee" after Dee was born"<sup>23</sup>(Walker, 1973, p. 78). Ou seja, para Mama, o nome Dee representa a continuidade da valorização da ancestralidade da família como também, o valor sentimental concedido na escolha dele e, dessa forma, Mama representa o conceito de tradição. Por outro lado, como visto anteriormente, Dee vê seu nome como um lembrete da cultura em que cresceu e que demonstra querer deixar para trás, mas fazendo isso ela desvaloriza a ancestralidade de sua própria família, pois o nome foi dado a ela como forma de homenagem à sua tia ‘Dicie’ (Big Dee) e essa postura remete a atitudes ligadas ao sujeito moderno como dito por Hall:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às

---

<sup>23</sup> ““Você sabe tão bem quanto eu que recebeu o nome de sua tia Dicie,” eu disse. Dicie é minha irmã. Ela chamou Dee. Nós a chamamos de “Grande Dee” depois que Dee nasceu” (WALKER, 1973, p.78, tradução nossa).

formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2006, p.12).

O ensaio "Em busca do jardim de nossas mães" (1983), de Alice Walker, reflete a profunda conexão da autora com a experiência feminina e a importância da herança cultural. Nele Walker explora a relação entre mães e filhas, enfatizando como a sabedoria e as lutas das gerações anteriores moldam a identidade e a resistência das mulheres. Nesse ponto, destaca-se a necessidade de reconhecer e valorizar essa herança, muitas vezes negligenciada ou silenciada, e a autora também aborda temas como a busca pela identidade e a força das tradições. Em suma, seu texto é uma celebração do legado feminino e uma reflexão sobre como esse legado pode guiar as futuras gerações. A partir disso, pode-se destacar que, para a autora, a representatividade feminina está ligada às vivências e à conexão da mulher em diferentes aspectos de sua vida e que o cultivo de relacionamentos e experiências é essencial para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Relacionado à representatividade exposta em *'Everyday Use'*, as personagens destacam algumas das perspectivas da vivência feminina que a autora acredita, principalmente voltada para diferentes formas de valorizar a herança cultural e também na formação da identidade em diferentes gerações.

### 3.1 Questões de herança e ancestralidade

A herança e a ancestralidade fazem parte das questões centrais e podemos visualizá-las em diversas situações narradas no conto. A respeito da herança cultural no conflito entre o tradicional e o moderno, Hall diz que: “as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades ‘tradicionais’ e as ‘modernas’” (Hall, 2006, p.14). Sob essa perspectiva, a sociedade tradicional é o alicerce para a continuidade da ancestralidade em gerações futuras, mas esse fator não impede que a sociedade se modernize e encontre outras formas de se conectar com essa ancestralidade. Já a sociedade moderna interpreta essa herança de diferentes perspectivas, como visto anteriormente, e sobre as mudanças que a modernidade traz ao indivíduo, Hall menciona Giddens (1990) que diz:

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos

de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana (Giddens, 1990, p. 21, apud Hall, 2006).

Nesse contexto, o sujeito moderno desestrutura a ordem social tradicional e se liberta de estruturas sociais rígidas que caracterizavam sociedades anteriores, por exemplo, com hierarquias familiares, sociais ou religiosas. Isso demonstra que o sujeito agora tem mais liberdade para decidir a sua vida de acordo com suas próprias escolhas, sem necessariamente ter que continuar seguindo convenções tradicionais. Com isso, pode-se considerar que Walker usa essa relação entre tradição e modernidade para explorar questões de identidade, pertencimento e a luta por significado em um mundo em transformação.

Com relação ao sujeito moderno lidando com a herança e a ancestralidade, um ponto negativo destacado no conto é a mercantilização da herança apresentada nas atitudes da personagem Dee, quando ela se refere aos objetos da casa de sua mãe como se fossem obras para se colocar em exposição. Um trecho que demonstra essa ideia é: "I can use the churn top as a centerpiece for the alcove table," she said, sliding a plate over the churn, "and I'll think of something artistic to do with the dasher"<sup>24</sup>(Walker, 1973, p. 78). Em algumas passagens, Mama relata o desprezo que a filha sentia de tudo aquilo que estava à sua volta: "This house is in a pasture too, like the other one. No doubt when Dee sees it she will want to tear it down"<sup>25</sup>(Walker, 1973, p. 76).

Por conta disso, Mama não compreende a intenção da filha de agora querer relembra a história dos objetos, de querer levar consigo coisas anteriormente tidas como fora de moda, etc. Portanto, essa busca repentina não parece autêntica, mas sim uma forma de registrar a sua presença numa identidade cultural que lhe é estranha e dessa forma a personagem estaria mercantilizando a cultura de sua família. Outro ponto que marca esse desejo de "emoldurar" sua própria história se encontra no relato de Mama, quando ela nota que Dee tira diversas fotos de onde ela está, sempre garantindo que a casa aparecesse nessas fotos. Sobre isso Mama diz:

"Out she peeks next with a Polaroid. She stoops down quickly and snaps off picture after picture of me sitting there in front of the house with Maggie

---

<sup>24</sup> "Posso usar o tampo da batedeira como peça central para a mesa da alcova", disse ela, deslizando um prato sobre a batedeira, "e vou pensar em algo artístico para fazer com o batedor" (WALKER, 1973, p.78, tradução nossa).

<sup>25</sup> "Esta casa também fica num pasto, como a outra. Sem dúvida, quando Dee o vir, ela vai querer derrubá-lo" (WALKER, 1973, p.76, tradução nossa).

covering behind me. She never takes a shot without making sure the house is included”<sup>26</sup>(Walker, 1973, p. 78).

O interesse de Dee não estaria, assim, vinculado à tradição ou à ancestralidade daqueles objetos, mas ao seu desejo de querer mostrar que faz parte daquela história, sem intenção de viver ou compreender de fato o valor que aqueles objetos representam para a tradição e a ancestralidade da família. Sobre esse fato podemos seguir com Hall:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem “flutuar livremente” (Hall, 2003, p.75)

Nesse contexto, o conto relata uma questão entre herança prática e herança simbólica, sendo que cada uma leva a interesses específicos. Para Mama e Maggie, a herança é algo que se manifesta no cotidiano e na prática diária delas e os objetos herdados, como as colchas feitas à mão e a bancada de madeira, que são usados constantemente apesar de terem significados pessoais profundos. Então esses itens são integrados na vida diária da família, ao mesmo tempo que carregam histórias e memórias de gerações passadas. Com isso, para elas a herança é uma prática vivida e uma forma de conectar-se com a ancestralidade através da experiência cotidiana. Dee, por outro lado, vê a herança de maneira mais estética. Ela está interessada nos objetos como símbolos de uma identidade cultural que ela quer exibir e valorizar de maneira mais intelectual, como algo a ser estudado e ser exibido. Para ela, a herança é algo que pode ser resgatado e transformado em artefatos culturais que afirmam sua nova identidade e, com isso, ela demonstra não estar interessada na utilidade prática desses objetos, mas sim apenas no seu valor simbólico e representativo.

A colcha de retalhos que Dee pediu à sua mãe foi o grande ápice para o conflito na família, pois a partir do momento em que Mama nega o pedido de Dee por já ter prometido a colcha à Maggie, Dee se revolta e questiona a forma que sua irmã cuidaria delas. Dessa forma, ela ressalta suas reais intenções para aqueles objetos e apesar de Maggie abdicar da colcha, Mama se sente furiosa com aquela situação e sua atitude demonstra que ela agiu como uma guardiã da memória, pois ao recusar o pedido da filha insincera, ela prioriza o significado pessoal que aquele presente tem para Maggie. "I can

---

<sup>26</sup> ““Ela sai em seguida com uma Polaroid. Ela se abaixa rapidamente e tira foto após foto de mim sentado ali na frente da casa com Maggie encolhida atrás de mim. Ela nunca tira uma foto sem ter certeza de que a casa está incluída” (WALKER, 1973, p.78, tradução nossa).

remember Grandma Dee without the quilts"<sup>27</sup>(Walker, 1973. p. 81). Após o conflito, Dee se refere à Mama e à Maggie como pessoas que não compreendem como suas novas ideologias poderiam ajudá-las:

You just don't understand" she said, as Maggie and I came out to the car. "What don't I understand?" I wanted to know. "Your heritage," she said. And then she turned to Maggie, kissed her, and said, "You ought to try to make something of yourself too, Maggie. It's really a new day for us. But from the way you and Mama still live you'd never know it"<sup>28</sup>(Walker, 1973, p. 81).

Com essas palavras, Dee deixa implícita a ideia de que o estilo de vida moderno poderia abrir portas para elas se elas realmente quisessem; mas, para Mama e Maggie, a forma de vida delas é suficiente para a preservação da história de vida que acreditam e seguem. Este diálogo retoma todo o conflito entre o tradicional e o moderno que, pela vivência das personagens, não é visto da mesma forma, mas, ao mesmo tempo, nos faz refletir sobre a importância de ambos para a construção do indivíduo, pois por um lado, a tradição dá seguimento às gerações futuras e, por outro, a modernidade abre espaço para a liberdade de o indivíduo poder reinventar e reconstruir sua identidade a partir dos princípios que deseja seguir.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou refletir as representações da mulher negra afro-americana a partir da análise das personagens femininas do conto *'Everyday Use'* (1973) de Alice Walker, com a finalidade de explorar as influências que levam as personagens Mama, Maggie e Dee a representar parte das mulheres afro-americanas no contexto pós-segregação racial. Para a análise do conto, buscamos demonstrar a influência do contexto social na vida das personagens, mas, principalmente, mostrar diferentes formas de se lidar com a identidade híbrida que é exemplificada no conflito entre as personagens sobre as diferentes maneiras de se relacionar com a cultura e com a herança cultural africana. Para tal, buscou-se analisar a construção da identidade de cada uma delas, levando em consideração as suas formas individuais de viver e demonstrar o apreço pela própria cultura, sua relação familiar e as suas características pessoais. Diante disso, observou-se

---

<sup>27</sup> "Posso me lembrar da vovó Dee sem as colchas" (Walker, 1973, p.81, tradução nossa).

<sup>28</sup> "Você simplesmente não entende," ela disse, quando Maggie e eu saímos em direção ao carro. "O que eu não entendo?" Eu queria saber. "Sua herança," ela disse, E então ela se virou para Maggie, beijou-a e disse, "Você deveria tentar fazer algo de você também, Maggie. É realmente um novo dia para nós. Mas pelo jeito que você e mamãe ainda vivem, você nunca saberá" (WALKER, 1973, p.81, tradução nossa).

que as personagens demonstram sua representação feminina negra a partir de suas vivências individuais, familiares e socioculturais. Em consequência, sua identidade cultural é formada a partir disso e, por fim, mostrou-se a influência da visão pós-moderna em contraste com a ancestralidade e, assim, é questionada a aceitação da própria cultura a partir dos conceitos apresentados como herança prática (ancestralidade) e herança simbólica (modernidade). Diante do resultado exposto, nota-se a importância de autores e obras que exponham a visão da mulher negra a partir dela mesma, enaltecendo a sua história cultural, a construção da sua identidade e enriquecendo o conhecimento do leitor a respeito da feminilidade negra.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte. UFMG. 1998. Disponível em: <https://teoliteraria.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/02/bhabha-homi-k-o-localdacultura.pdf> Acesso em: dia/mês/ano

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar y salir de la modernidad. México: Grijalbo, 1989. HALL, Stuart McPhail. A identidade cultural na pós-modernidade. vol 11. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/identidade-cultural-posmodernidade/14379494>. Acesso em: 17 Out. 2024.

HALL, Stuart McPhail. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUNDO educação. Segregação racial nos Estados Unidos. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/identidade-cultural-posmodernidade/14379494>. Acesso em: 04 Out. 2024.

SEGREGAÇÃO racial nos Estados Unidos. Wikipédia, a enciclopédia livre. 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Segrega%C3%A7%C3%A3o\\_racial\\_nos\\_Estados\\_Unidos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Segrega%C3%A7%C3%A3o_racial_nos_Estados_Unidos) Acesso em: 09. Nov. 2024.

WALKER, Eric E. **In search of the African working class**. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: [https://blogs.ubc.ca/history456/files/2017/02/walker\\_in-search-of.pdf](https://blogs.ubc.ca/history456/files/2017/02/walker_in-search-of.pdf). Acesso em: 02. Dez. 2024.

WALKER, Alice. Everyday use. **Harper's Magazine**, [S.l.], abr. 1973. Disponível em: <https://harpers.org/archive/1973/04/everyday-use/>. Acesso em: 10. Set. 2024.